

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**A PRÁTICA DO VÔLEI DE PRAIA NO RIO GRANDE DO SUL**

Maria Isabel K. Michael

PORTO ALEGRE  
JULHO/2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**A PRÁTICA DO VÔLEI DE PRAIA NO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como pré-requisito à  
obtenção do título de Licenciatura em  
Educação Física

Maria Isabel K. Michael  
ORIENTADOR: Janice Zarpellon Mazo

PORTO ALEGRE  
JULHO/2011

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever como se desenvolveu a história do Vôlei de Praia no Rio Grande do Sul no período entre 1990 e início do novo século. Para atingir esse propósito, inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema para definir o que é o vôlei de praia, suas características e suas origens. Além disso, foram consultados jornais, revistas, *sites* e coletados depoimentos orais de atletas e de um treinador. A apreciação das informações indicou que o vôlei de praia começou a ser praticado no Estado no início da década de 1990, onde tiveram início as primeiras competições oficiais. A principal dificuldade encontrada para a prática deste esporte no Rio Grande do Sul foi a falta de patrocínio, tanto para atletas amadores quanto profissionais. Por outro lado, houve também um crescimento do vôlei de praia, através da promoção de eventos tanto na capital como no interior do Estado, incentivados pelas conquistas olímpicas. Tais acontecimentos despertaram um maior interesse pela prática deste esporte no Estado, verificando-se, assim, um aumento significativo no número de praticantes no início do século XXI.

Palavras-chaves: Vôlei de Praia, esporte, história

## SUMÁRIO

	Pág.
1 – INTRODUÇÃO.....	3
2 – METODOLOGIA.....	6
3 - UM POUCO DE HISTÓRIA SOBRE O VÔLEI DE PRAIA.....	8
4 - OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO VÔLEI DE PRAIA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.....	14
5 - HISTÓRIAS DE VIDA DE ATLETAS PROFISSIONAIS E AMADORES.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	44

## 1. INTRODUÇÃO

A história é escrita a partir de circunstâncias ligadas ao passado e pela atuação do homem a partir dos enfrentamentos impostos pela vida, desafios que são vencidos no dia a dia e transmitidos a gerações futuras através do registro de seus feitos. A memória, para ser preservada exige que seus protagonistas tenham a iniciativa de transmiti-la, através da escrita, de relatos para que se possa construir um mapa dos acontecimentos.

Para GOELLNER (2004), recorrer, portanto, à pesquisa histórica para melhor conhecer o esporte moderno significa recorrer a textos, imagens, sons, objetos, monumentos, equipamentos, vestes, ou seja, - memórias - entendendo-as como possibilidades de compreender que ali estão inscritas sensações, ideologias, valores, mensagens e preconceitos que permitem conhecer parte do tempo onde foram produzidos e que podem nos auxiliar a compreender um tempo que pouco conhecemos. Significa perceber que, ainda que o esporte tenha adquirido centralidade na vida moderna, ele não é invenção do presente. Resulta de conceitos e práticas há muito estruturadas no pensamento ocidental cujos significados foram e são alterados não só no tempo mas, também, no local onde aconteceram e acontecem.

Segundo MELO (1997), a preocupação básica dos estudos ligados à História do Esporte não é, nem foi, entender o esporte em si. Antes era simplesmente guardar informações sobre os esportes. Hoje fundamentalmente utilizar o esporte como objeto importante para entender a sociedade. Na verdade, grande parte dos estudos recentes ligados à História do Esporte são relacionados ao futebol, provavelmente devido à dimensão que ocupa na cultura brasileira.

É inegável o potencial de mobilização que o esporte apresenta na contemporaneidade. Não precisamos de muito esforço para identificar que na sociedade atual, esta prática corporal se constitui como um espaço social a mobilizar pessoas de diferentes etnias, gêneros, idades, classes sociais, credos religiosos, seja como participantes/praticantes seja como espectadores. (GOELLNER, 2004)

Quando assistimos a uma competição sempre torcemos por algum atleta, pelos nossos representantes, expressando todo o sentimento de orgulho ou mesmo de frustração quando o resultado esperado não é alcançado, mas o sentimento de esperança e alegria se mostra muito vivo e assim, concordo com a autora sobre essa afirmação de

visualizar uma espécie de expressão pública de libertação das emoções vistas nos eventos esportivos.

Resgatar a história deste esporte significa reconhecer os esforços realizados por aqueles que ajudaram a construir uma cultura esportiva nas areias de um Estado onde as dificuldades são imensas, a partir das condições climáticas de uma região onde o frio predomina boa parte do ano, o que dificulta o desenvolvimento desta prática, mas que se adaptou e cresceu ao longo do tempo com um número crescente de adeptos. Apesar de não termos campeões oriundos daqui, não podemos deixar passar em branco os seus feitos, mas sim valorizá-los, pois sem eles não teríamos memória esportiva para transmitir para as sociedades futuras. A administração de alguns parques, na cidade de Porto Alegre, por exemplo, reconheceu a necessidade da criação de espaços com quadras de areia para proporcionar a prática deste esporte, um exemplo disso é o parque Marinha do Brasil.

Competições foram criadas durante o verão, não só aqui, mas em outras cidades, e algumas iniciativas, até mesmo em outras estações do ano, a fim de que os atletas pudessem se reunir e para proporcionar a integração e incentivo à prática deste esporte, que vem trazendo resultados positivos, com medalhistas olímpicos e mundiais, exaltando o nome do nosso país, hoje referência do Vôlei de Praia Mundial.

Infelizmente, quando procura-se a literatura sobre o vôlei de praia, em especial aqui no Rio Grande do Sul, verifica-se a falta de dados sobre a trajetória do desenvolvimento deste esporte, o que nos desafia a tentar entender como tudo começou, a delinear o marco inicial deste esporte, as datas das primeiras competições realizadas aqui no Estado, sobre os primeiros atletas a representarem essa região do Brasil. Além disso, o que despertou em mim o interesse por esta área foi a minha experiência anterior como jogadora no vôlei de quadra. Já quanto ao vôlei de areia, especificamente, o interesse se deu assistindo aos jogos e através da oportunidade que tive de trabalhar como mesária (apontadora), fazendo parte de uma equipe de arbitragem, o que me aproximou mais deste universo e da possibilidade de estudar a participação dos atletas gaúchos no vôlei de praia. Espero que este estudo possa colaborar para divulgar a história do vôlei de praia e a realidade dos atletas do Rio Grande do Sul no mundo esportivo, acadêmico e para o público em geral.

Assim, pretende-se descrever, a partir de fontes históricas, como se desenvolveu o vôlei de praia no RS e a participação dos atletas gaúchos no Estado.

Para atingir esse propósito, alguns esforços iniciais foram realizados para definir o que é o vôlei de praia, suas origens e suas características.

Identificar a partir de que ano o vôlei de praia começou a ser praticado no Estado, os primeiros atletas, as primeiras competições. E, finalmente, definir qual a situação atual deste esporte no Estado.

O trabalho foi realizado através de uma metodologia baseada em fontes históricas, descritivo e apoiado na revisão da literatura existente (jornais, relatos de atletas, revistas especializadas, artigos científicos e livros).

Nos capítulos 1 e 2, foram feitas uma breve apresentação do tema e a descrição da metodologia utilizada ao longo da pesquisa.

No capítulo 3 do trabalho veremos a descrição do esporte Vôlei de Praia, seu conceito, características, como são as regras. Como é feita arbitragem dos jogos, como é composto o ranking brasileiro, a organização do esporte e maiores conquistas e o papel da CBV - Confederação Brasileira de Voleibol.

No capítulo 4, conheceremos a situação atual do esporte no Estado e as notícias publicadas de atletas nas competições de vôlei de praia.

No capítulo 5, conheceremos a história do Vôlei de Praia, o desenvolvimento deste esporte no Estado, os primeiros atletas gaúchos a se destacarem nas competições, seus relatos. As dificuldades encontradas para a prática deste esporte na região sul e a falta de patrocínio, para atletas amadores e profissionais.

E, finalmente, nos deparamos com as considerações finais e referências que serviram de base para o corpo desta pesquisa.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se por uma pesquisa histórica que utilizou fontes impressas e orais.

O presente trabalho estrutura-se em cinco capítulos sendo que, no capítulo intitulado: Um pouco de história sobre o Vôlei de Praia, o objetivo foi descrever a trajetória deste esporte no Brasil, suas origens, características gerais e evidenciar os títulos dos grandes campeões desta modalidade, ou seja, situar o leitor dentro do cenário esportivo em que o Vôlei de Praia está inserido.

Já no capítulo intitulado Os caminhos percorridos pelo Vôlei de Praia no Estado do Rio Grande do Sul: foi feito um registro dos campeonatos oficiais reconhecidos pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) e os campeonatos amadores realizados nas várias regiões deste Estado além das notícias divulgadas em sites da internet e jornais locais a cerca dos resultados alcançados pelos atletas gaúchos.

A seguir, no capítulo intitulado: História de vida de atletas profissionais e amadores, houve um aprofundamento do tema, a partir das entrevistas feitas com os atletas por e-mail e da coleta feita de outros depoimentos pesquisados em sites da internet e jornais.

De uma forma geral a pesquisa seguiu uma ordem para que o atleta pudesse se situar no tempo e descrever toda a sua trajetória desde o ano em que começou a praticar até hoje, avaliar as condições para a sua prática, dar a sua opinião em relação às competições e às melhorias que poderiam ser feitas para o aprimoramento dos atletas (profissionalização) e suas expectativas para o futuro.

Para a realização desta pesquisa encontrei muitos entraves, a começar pela falta de dados pré-existentes sobre o desenvolvimento da modalidade aqui no Estado. Na própria federação local, não havia arquivos para o auxílio, além da escassez de pesquisas anteriores, pois não encontrei nenhum trabalho publicado no Estado que pudesse servir de referência.

A maioria dos dados veio da própria Confederação Brasileira de Voleibol, mas são dados gerais da modalidade. Quanto aos dados mais específicos foi necessário o apoio dos atletas para que a pesquisa tivesse sucesso.

Quanto às entrevistas, foi difícil localizar alguns atletas, já que alguns não moram na capital. Daí a idéia de localizá-los por e-mail, para isso contei com a ajuda de um colaborador que possuía os contatos. Alguns não deram retorno à pesquisa, o que



poderia atrapalhar na busca por resultados, mas os que responderam se dispuseram a prestar o máximo de informações possíveis, o que valorizou o resultado final.

Os relatos encontrados em sites da internet (como por exemplo: o da Prefeitura de Porto Alegre, do jornal de Novo Hamburgo, Taquara e Torres) também contribuíram para que se pudesse ter uma cronologia dos acontecimentos além de contribuírem para que se pudesse ter acesso à divulgação dos campeonatos regionais realizados.

Enfim, foi uma tentativa de exaltar um esporte olímpico que é praticado na maioria das regiões do país e colocar em destaque aqueles que diariamente estão na luta, na sua maioria, sozinhos tentando fazer o melhor, sem patrocínio algum, para representar um Estado e, mais do que isso, transpondo barreiras para realizar um sonho.

### 3. UM POUCO DE HISTÓRIA SOBRE O VÔLEI DE PRAIA

O Vôlei de Praia, que tem sua origem no vôlei de quadra, é um esporte praticado na areia da praia. Foi criado no estado da Califórnia (Estados Unidos), na década de 1960. Porém, tornou-se um esporte profissional somente na década de 1980. Foi neste período que chegou ao Brasil e espalhou-se pelas praias do mundo todo.

Durante a década de 1930, alguns jogadores formados nos clubes da cidade do Rio de Janeiro começaram a praticar o Vôlei de Praia, de forma recreativa, nas praias de Copacabana, Ipanema e Leblon. De uma simples atividade de lazer, o Brasil tornou-se o centro mundial de Vôlei de Praia, em praticamente 15 anos.

Os primeiros torneios de vôlei de praia no Brasil datam de 1947. O levantamento histórico deste período mostrou um vôlei de praia organizado sob a égide do amadorismo. Não havia uma instituição central que respondesse pelo comando da modalidade e pela organização dos eventos e os recursos financeiros eram escassos, impossibilitando dedicação exclusiva dos jogadores, que não recebiam ajuda pecuniária nem treinamento específico. (COSTA, 2005)

De acordo com a linha do tempo traçada (CBV), os primeiros torneios de vôlei de praia com patrocínio e cobertura jornalística foram realizados na década de 50, nas areias de Copacabana e Ipanema, no Rio de Janeiro.

Fundada em 1954, a Confederação Brasileira de Voleibol representa a entidade máxima do voleibol no país. A instituição é filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e à Federação Internacional de Voleibol (FIVB). Por meio de uma sólida base administrativa, a CBV soma conquistas dentro e fora das quadras. O voleibol brasileiro é referência mundial e, dentro das quadras, o Brasil é sempre o time a ser batido pelos adversários. Fora delas, a CBV é composta por profissionais qualificados, que têm à disposição total infra-estrutura para trabalhar a favor de novas vitórias. Organizada por unidades de negócios, a CBV é responsável por realizar toda a parte técnica e logística dos campeonatos em território brasileiro. De norte a sul do Brasil, pelo menos uma vez por ano, cada Estado brasileiro recebe uma competição oficial organizada pela CBV. Além disso, a instituição supervisiona todas as atividades das seleções brasileiras - masculinas e femininas - das três categorias (adulta, juvenil e infante-juvenil).

Com o propósito de levar o esporte rumo ao profissionalismo:

Em 1989, a Confederação criou, em sua estrutura organizacional, um departamento para tratar especificamente do vôlei de praia, com staff exclusivo. Confeccionou-se um manual de funcionamento do voleibol de praia brasileiro, com regras para orientar a prática do esporte, e uma forma séria e comprometida de atuação passou a predominar. (COSTA, 2005, p. 6)

Em 1991, com o patrocínio do Banco do Brasil, é criado o Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia, inicialmente, apenas para duplas masculinas e com apenas cinco etapas: Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife e Salvador. Paulão e Paulo Emílio são os campeões. Já em 1992, o Circuito Banco do Brasil ganha 16 etapas, sendo cinco femininas. Moreira/Garrido (PE) e Isabel/Jacqueline (RJ) são as duplas campeãs.

O que estruturou a modalidade, em termos internacionais, foi, sem dúvida, a padronização e oficialização de suas regras, em um processo de uniformização de regulamento e normas. Com a importante chancela da FIVB (Federação Internacional de Voleibol), através do potencial administrativo de Nuzman - presidente do COB - o Brasil abriu caminho para o desenvolvimento internacional da modalidade, assim, o Vôlei de Praia brasileiro passou a ser referência mundial em termos estruturais e políticos. Além da presença de Nuzman, a modalidade estava "nas mãos" de três grandes monopólios, a CBV, Koch Tavares (empresa com sede na cidade de São Paulo, com know-how e pioneira em marketing esportivo na América Latina) e FIVB, bem como seu principal patrocinador do Circuito Nacional, o Banco do Brasil. (VLASTUIN & PILATTI, 2005)

O Brasil, possui também, o maior e mais competitivo circuito nacional de Vôlei de Praia. Sem contar o público que é bastante numeroso e fiel, tanto ao vivo quanto em transmissões pela televisão, gerando um mercado que movimenta milhões de reais a cada ano. (AFONSO, 2004, p. 7)

O Vôlei de Praia tornou-se um esporte olímpico em 1996, durante os Jogos Olímpicos de Atlanta (Estados Unidos). ([www.suapesquisa.com](http://www.suapesquisa.com))

Assim, em novembro deste mesmo ano, o Comitê Olímpico Internacional confirma o vôlei de praia como esporte olímpico em Sydney 2000.

Atenta aos desafios do cenário esportivo, a CBV também utiliza o voleibol como forma de sociabilização. Em 1999, criou o programa social Viva Vôlei, distribuído por todo o país e que, desde a inauguração, já iniciou mais de 200 mil crianças na prática do esporte.

A Confederação Brasileira de Voleibol se caracteriza por: Ser uma entidade privada sem fins lucrativos, possuir balanço publicado anualmente, sendo o mesmo monitorado por auditoria independente nas prestações de contas e possuir finanças equilibradas, não devendo nenhum tributo a qualquer órgão governamental. É responsável pela difusão, coordenação e normalização da prática do voleibol em todo território nacional.

Sendo assim, em 2004 a CBV realizou uma pesquisa nas capitais do país e no Distrito Federal para avaliar a posição atual do vôlei na população, nos aspectos: interesse, prática e acompanhamento. A pesquisa trabalhou com uma margem de erro de 1.9% considerando nível de confiança de 95%.

Em cada Estado foram realizadas cerca de 100 entrevistas. A região Sul representou cerca de 14,8% do total das amostras. Os resultados encontrados foram os seguintes: Considerando-se o aspecto “prática” e apenas os resultados para a região sul :

No *resultado global* da pesquisa, o esporte mais praticado é o futebol (37,2%), seguido do vôlei (19,4), do vôlei de quadra (16,3), natação (10,5) e vôlei de praia (5%).

Desse total (5%), a classe A/B é a que mais pratica o vôlei de praia (7,8%), seguida da classe C (3,8%).

Quanto à renda familiar: a faixa que ganha mais de R\$ 5200,00 representa a maioria, 13,9% dos praticantes, já as rendas entre R\$ 2601,00 a R\$ 5200,00 representam 5,7% e para faixas inferiores em torno de 5% ou menos praticam.

Quanto à região sul, ela representa 7,0% do total, seguida pela região nordeste: 5,0%, região sudeste: 4,7% e pela região norte/centro-oeste: 4,1%.

Quanto à faixa-etária, a maioria dos praticantes estão entre os 19 e 30 anos (7,3%), seguidos da faixa situada entre os 12 e 18 anos (5,6%).

Quanto ao grau de instrução, aparece em primeiro lugar os indivíduos com o superior completo (10%), em segundo, os com segundo grau completo/sup. Inc. (5,8%).

Quanto ao sexo: os homens representam 5,1 % e as mulheres, 5,0%.

A CBV também realizou uma pesquisa semelhante em 2008, infelizmente não tive acesso na íntegra para que se pudesse realizar uma análise comparativa dos dados, por região, o que possibilitaria enriquecer a pesquisa avaliando se houve um crescimento da prática deste esporte para a região de interesse.

Quanto às conquistas já realizadas, nas Olimpíadas de [Atenas](#) (2004), os resultados começaram a aparecer com a dupla Adriana e Shelda conquistando a medalha de prata e no masculino a dupla Ricardo e Emanuel ganhando a de ouro.

Em 2007, a dupla Larissa e Juliana ficaram em segundo lugar no Circuito Mundial de Vôlei de Praia. Neste mesmo torneio, a dupla masculina Emanuel e Ricardo ganharam o título.

Em 2008, no Circuito Mundial, novas duplas brasileiras dominam. No masculino, o título é de Pedro Solberg e Harley. O brasileiro é considerado o melhor jogador do mundo. Entre as mulheres, as vencedoras são Ana Paula e Shelda, que passa a jogar sem a eterna parceira Adriana Behar, aposentada.

Em 2009 – Alison e Harley brilham no Circuito Banco do Brasil. Com Harley considerado o melhor jogador, a dupla bate recorde de títulos consecutivos na competição: sete. No feminino, Maria Elisa, a melhor do ano, e Talita vencem pela primeira vez na temporada de estréia da dupla.

Em 2009 – Larissa e Juliana voltam a brilhar no cenário mundial, garantindo o pentacampeonato do Circuito Mundial. Juliana é considerada a melhor jogadora do mundo. No masculino, Alison e Harley, melhor do mundo pelo segundo ano consecutivo, são vice-campeões.

Neste mesmo ano, o Brasil garante três medalhas no Campeonato Mundial, realizado em Stavanger, na Noruega: duas pratas, com Larissa/Juliana e Alison/Harley, e um bronze, através de Talita/Maria Elisa.

Quanto às regras desta modalidade, o vôlei de praia veio passando por modificações. O jogo é disputado em equipes de 2 a 4 jogadores (nas [Olimpíadas](#) os jogos são disputados por duplas). A equipe vencedora é aquela que ganha dois sets (o jogo possui 3 sets). Os dois primeiros sets vão até 21 pontos. Quando há empate em 1 set a 1, o terceiro set é realizado com 15 pontos. Para fechar o set, a equipe deve sempre abrir dois pontos de vantagem.

Não existe substituição de jogadores. É concedido ao jogador machucado cinco minutos de recuperação. Caso ele não se recupere, sua dupla é considerada incompleta.

A defesa "carregada" (quando o jogador retém momentaneamente a bola entre os dedos) é permitida no voleibol de praia somente na defesa de uma bola violenta. A bola pode bater em qualquer ponto do corpo do jogador.

O contato simultâneo entre dois jogadores por cima da rede, provocando a chamada "bola presa", não é considerado falta.

O saque pode ser dado de qualquer ponto do fundo da quadra. A área de saque tem oito metros de largura após a linha de fundo.

No levantamento existe uma grande diferença em relação ao vôlei de quadra. A bola levantada no vôlei de praia não pode dar um giro em torno de seu eixo, caso haja rotação é caracterizado os dois toques.

Atualmente, os jogos de vôlei de praia são transmitidos pela internet na página do Vôlei Brasil, mas foram feitas mudanças nas regras em função do alto custo para a sua transmissão na TV. Infelizmente vemos um esporte tão bonito se transformar em um produto para a mídia, só visando o lucro e limitando a atuação e liberdade de seus atletas:

Mudanças ocorridas nas instruções de arbitragem – praia em 03/09/2010 de acordo com a comissão brasileira de arbitragem de voleibol – COBRAV - e comentadas pelo presidente Josebel Palmeirim no site da CBV:

“Precisamos transformar o Vôlei de Praia em um produto cada vez mais atrativo para a TV, para isso devemos melhorá-lo. O tempo da TV é muito caro e, por esta razão deve haver mais ação nos jogos, diferentemente do que temos assistido. Devemos considerar que mudanças são necessárias, para que nossos jogos sejam realmente um bom produto para a TV.”

A partir desta publicação passam a vigorar para todas as competições nacionais do Vôlei de Praia realizadas pela CBV, as regras e instruções de arbitragem abaixo:

a) regras oficiais:

1. Durante a ação do jogador de lançar a bola com as pontas dos dedos, esta precisa ser jogada com um movimento rápido. Na descida da bola em contato com as mãos do jogador, esta não deve ficar retida. O simples girar da bola na mão não deve ser considerado como dois toques, mas sim quando ocorrerem claramente dois contatos.

2. O Tempo Médico será de dois (2) minutos.

b) guias e instruções de arbitragem:

1. Os 12 segundos previstos entre rallies devem ser aplicados rigorosamente durante todos os jogos.

2. O 1º árbitro não deve descer para verificar a marca da bola.

3. O Coordenador de Arbitragem não deve ser chamado para decidir qualquer jogada que não tenha presenciado.

Os jogadores não devem questionar mais de duas (2) vezes por set as marcações da arbitragem. Após dois questionamentos, o 1º árbitro aplicará um retardamento de jogo para a equipe.

Mesmo com tantas mudanças e imposições, na maioria dos Estados brasileiros há atletas dispostos a enfrentar o desafio que o vôlei de praia proporciona, além do sonho de se tornarem campeões brasileiros e poder representar o país em uma Olimpíada. Além disso, o lado financeiro é bem atrativo, devido aos altos valores pagos aos atletas campeões das etapas disputadas no circuito brasileiro. Sendo assim, em regiões geográficas menos favorecidas para este esporte, verifica-se também a existência de muitos atletas, adaptando seus treinamentos fora de um ambiente de praia, num esforço de atingir o melhor condicionamento possível para a prática deste esporte. Como é o caso dos atletas gaúchos, que veremos no capítulo seguinte.

#### 4. OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO VÔLEI DE PRAIA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Agora que já nos familiarizamos com um panorama geral do Vôlei de Praia, conhecendo seu histórico, algumas de suas regras e maiores conquistas vamos tentar entender como ele se desenvolveu no Rio Grande do Sul. Aqui além do circuito brasileiro, também são disputadas competições paralelas sediadas em várias praias e cidades.

Nas 16 etapas já realizadas até hoje no Rio Grande do Sul, os maiores vencedores são os campeões olímpicos Ricardo e Emanuel (BA/PR) e o cearense Franco, com três conquistas cada, no masculino, enquanto no feminino o domínio é da cearense Shelda e da carioca Adriana Behar, que venceram cinco vezes.

Ricardo e Emanuel, que desfizeram a parceria, venceram juntos a etapa gaúcha do Circuito Banco do Brasil 2007, em Porto Alegre. Antes, o baiano Ricardo havia sido campeão outras duas vezes na capital do Rio Grande do Sul: em 1999, ao lado do paraibano Zé Marco, e em 2002, com o capixaba Loiola. Emanuel também foi campeão ao lado de Zé Marco, em Porto Alegre, em 1994, e venceu ainda com o carioca Tande, em 2001.

Das três conquistas de Franco no Rio Grande do Sul, duas foram ao lado do cearense Roberto Lopes. A parceria, uma das pioneiras do vôlei de praia brasileiro, foi campeã na capital gaúcha em 1993 e venceu também a etapa de Torres (RS), dois anos depois. O terceiro triunfo de Franco veio entre os homens, a decisão foi mais disputada em Porto Alegre, em 2004, ao lado de Tande.

Entre as mulheres, as medalhistas olímpicas em Sydney/2000 e Atenas/2004, Adriana Behar e Shelda, conquistaram a primeira vitória em Torres, no ano de 1996. Em 1998 e 1999, mais dois títulos, estes em Porto Alegre. A dupla voltou a vencer na capital gaúcha outras duas vezes: em 2002 e em 2004.

No RS também são realizados campeonatos paralelos ao Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia. O Circuito Porto Alegre de vôlei de praia promovido pela Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer com o apoio da Federação Gaúcha de Voleibol, objetiva o incentivo à prática do vôlei de praia, disputado em duplas, visando a integração social dos participantes. As competições acontecem no parque Marinha do Brasil durante os meses de janeiro e fevereiro sempre aos finais de semana e reúne atletas amadores e alguns que também participam das etapas do Circuito Brasileiro. No



ranking atual, por pontos, na categoria masculina lidera o atleta Max e, em segundo lugar, Eduardo (DUDU). Já na categoria feminina, por pontos, lideram Simone (1º) e Michele (2º), ambas, atletas de Porto Alegre.

Além disso, o SESC também realiza competições como o Circuito Verão Gaúcho de Esportes, também no verão nas areias das praias da região norte do Estado. Ambas as competições tem como objetivo incentivar e divulgar a prática deste esporte no Estado.

Além destes, o Circuito Esteio Open de Vôlei de Praia, criado em 2008, que teve o início da temporada do ano de 2010 com uma etapa realizada no dia 15 de agosto, com 16 jogos, onde a dupla de atletas amadores Max e Marcos foram os campeões. Esta competição tem a premiação em dinheiro para as primeiras cinco duplas colocadas.

No ano de 2010, também foram realizadas as seguintes competições:

O 9º Torneio UNIMED ITAQUI de VP, realizado nos dias 20 e 21 de novembro;

O 8º Torneio de VP em Taquara, (realizado no período de 25/04 a 02/05);

O 8º Aberto de VP em Carazinho (10 e 11/04); E o Torneio de vôlei de praia no Balneário Pinhal (13 e 14/02).

Neste capítulo também podemos conferir como está o desempenho dos atletas no circuito estadual e no circuito brasileiro, além de ter acesso às notícias mais recentes das competições realizadas no Estado.

Quanto ao desempenho dos atletas gaúchos no Circuito Estadual Banco do Brasil no ano de 2009/2010:

As etapas do Circuito Estadual Banco do Brasil vem sendo disputadas desde o ano de 2009 e os gaúchos vem apresentando bons resultados.

Na 23ª etapa, realizada em Porto Alegre, no ano de 2009, a dupla gaúcha Álvaro/Vinícius Lucas ficaram com a segunda colocação ficando atrás da dupla Sérgio Ceará/ Guilherme (SC).

No domingo (12.09/2010), foram conhecidos os campeões da 21ª etapa do Circuito Estadual Banco do Brasil Vôlei de Praia 2010, em Porto Alegre (RS):

Entre os homens, a decisão foi mais disputada. Daniel Souza e Marcos Cabral (RJ) ganharam, de virada, dos donos da casa, os gaúchos Dilamar e Cristiano (RS), por 2 sets a 1 (10/18, 18/12 e 15/12).

Segundo o atleta Cristiano, chegar entre os três primeiros colocados era o objetivo geral da dupla. “Depois de semanas de treinamento forte e embalados pelos últimos torneios regionais, a prata veio como compensação,” disse o esportista.

Cristiano, aluno do curso de Educação Física, é a dupla de Dilamar, atleta de Passo Fundo, com quem joga há dois anos e já participou de etapas da mesma competição. Eles são a dupla medalha de prata que vai para Salvador disputar a 10ª Etapa do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia.

Mesmo sem patrocínio, os atletas foram medalha de prata em setembro, na Etapa Porto Alegre do Circuito Estadual Banco do Brasil de Vôlei de Praia e esperam um feito inédito em suas carreiras, passar da etapa Qualifying e participar do torneio principal de uma disputa nacional.

A dupla espera, com os ótimos resultados e a visibilidade já alcançada, conseguir patrocinadores para um esporte de pequeno investimento devido ao número baixo de atletas, com grande retorno de imagem e cuja etapa principal é transmitida pela Internet.

Segundo Cristiano, como a dupla mora em cidades diferentes, está treinando forte a preparação física, pois a quantidade de duplas no Circuito Nacional é maior e o nível técnico, muito elevado. “Após um período de aproximadamente 10 dias de preparo físico, iremos trabalhar muito mais a parte técnica da dupla, pois vamos viajar apenas dois dias antes da competição”, afirma o atleta. (<http://novohamburgo.org>)

No ranking individual masculino, o atleta mais bem colocado é Dilamar que aparece na 12ª colocação, considerando as 6 etapas iniciais de 2010. Já no Ranking individual feminino, não há atletas gaúchas entre as 15 primeiras colocadas, neste mesmo ranking.

Já quanto ao desempenho dos atletas gaúchos no circuito Banco do Brasil, dentro do ranking brasileiro:

Dentro do intervalo que compreende os anos de 1999 a 2003 pôde-se verificar que os homens não conseguiram alcançar um desempenho suficiente para fazer parte do ranking principal da CBV, por outro lado as atletas Mônica Paludo (2001:4ºlugar) e Tatiana (2000: 4º e 2001, 2002: 2ºlugar) conseguiram um excelente desempenho ao lado de atletas de outros Estados ao longo de suas trajetórias.

Atualmente, fazendo parte do ranking individual deste Circuito, considerando as seis etapas iniciais de 2010, temos os atletas gaúchos Gravina (em 22ª lugar), Álvaro e

Vinícius Lucas (ambos ocupando a 24ª colocação), Marcelo (25º), Dilamar (31º) e Cristiano (33º).

Já na categoria individual feminina, considerando as dez etapas iniciais de 2010, tem destaque as atletas Tatiana Minello (10º lugar) e Mônica Monteiro (18º lugar) apresentando as melhores colocações.

Existem mais atletas gaúchos inscritos na Confederação Brasileira de Voleibol, mas que não participam de nenhuma das etapas ao longo do ano ou de apenas uma, normalmente quando ela é realizada na sua cidade de origem e assim não marcam pontos no ranking.

Outras competições, em cidades como Taquara e Torres, também tiveram destaque e foram noticiadas no Estado:

A 3ª Etapa do Circuito Sul de Vôlei de Praia foi promovida no domingo e noticiada na segunda-feira, 14 de dezembro de 2009, acompanhe:

O município de Taquara sediou no domingo, dia 13, no Parque do Trabalhador, a 3ª Etapa do Circuito Sul de Vôlei de Praia. Dentre as 16 duplas que disputaram o certame estiveram representadas as cidades de Santo Ângelo, Porto Alegre, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul, Canoas, Caxias do Sul, Estância Velha e Novo Hamburgo.

A dupla que conquistou o quarto lugar foi Lúcio Melo e Vinicius Furian, ficando em terceiro Julierme Gavião e Marcelo Hallwas. Em segundo lugar ficaram os atletas Luciano Menegaz e Alexandre Dahmer e com o título de campeões do Circuito ficou a dupla Dilamar Farias e Rodrigo Pastório.

Outra notícia publicada foi: Dupla torrense de Vôlei de Praia conquista bons resultados no final de semana (12/01/2010):

A dupla de Vôlei de Praia Daniel Reis e Samarone conquistou bons resultados nesse último final de semana. No sábado (09) conquistaram de forma invicta a 1ª etapa do circuito efe em Passo de Torres e no domingo (10) ficaram com a 3ª colocação da 1ª etapa do 12ª Copa Sul de Vôlei de Praia realizada na Praia Grande de Torres assegurando uma vaga para a etapa final. Os torrenses agora se preparam para a disputa da 1ª etapa do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia, que será disputado em Caxias do Sul de 20 a 24 de janeiro.

E o vôlei de praia continua vivo no Rio Grande do Sul, neste ano de 2011:

No sábado (26/02) foi realizado na quadra de areia da AS3M o 1º Torneio Master de Vôlei de Praia Masculino. No total foram realizados 22 jogos durante o dia tendo como vencedores os atletas João e Sal. A classificação final ficou assim:

1º João e Sal; 2º Guti e Ale; 3º Kiko e Batata; 4º Teixeira e Lázaro. Os vencedores receberam troféus e prêmios em dinheiro no valor de 450,00. O torneio contou com o apoio de alguns patrocinadores.

Cristiano e Andrioli (Imbé/Sapiranga) são os nomes do Vôlei de Praia Gaúcho neste verão 2011:

Os dois venceram o 1º desafio gaúcho de vôlei de praia ao vencerem na final Fabiano e Leandro (Tramandaí/Capão da Canoa) por 2x0. A competição foi realizada ontem na quadra da AS3m (praça Três Marias) em balneário Pinhal. Oito duplas estiveram presentes na competição divididas em duas chaves, passando primeira e segunda colocada de cada chave para o cruzamento olímpico.

O evento contou como apoio de alguns patrocinadores além da Prefeitura Municipal. No final, na premiação, aconteceu uma surpresa por parte de um dos patrocinadores que ficou o tempo inteiro na "moita" observando os jogos, sorte de quem veio e azar daqueles que ficaram se "mancando" para virem, ele distribuiu um prêmio em dinheiro para os três primeiros colocados no valor de 600,00 e bebidas para todos os participantes. Resultado final: 1º Cristiano e Andrioli - Imbé/Sapiranga - kit Cobra d'água + 200,00. 2º Fabiano e Leandro - Tramandaí/Capão da Canoa - kit Cobra d'água + 150,00 3º Kiko e Batata - Viamão - kit Cobra d'água + 100,00. 4º Cassiano e Matheus - Porto Alegre. 5º Carioca e Guerreiro - Porto Alegre. 6º Beto e Bruno - bal. Pinhal/Esteio. (blog cobra d'água: <http://www.cobradagua.com.br/blog/?p=1098>)

Além das notícias anteriores, mais uma etapa do Circuito Banco do Brasil Vôlei de Praia foi realizada no Estado em 2011, acompanhe a notícia:

Uma das duplas favoritas à conquista do título do Circuito Banco do Brasil Vôlei de Praia 2011, Alison/Emanuel (ES/PR) conquistou neste DOMINGO (10.04), em Santa Maria (RS), o primeiro título da parceria na temporada 2011. No fechamento do primeiro semestre da competição, os vice-campeões mundiais de 2009 derrotaram os líderes do ranking Márcio e Ricardo (CE/BA) por 2 sets a 0, parciais de 21/13 e 21/15 na quadra central da arena montada no Parque da Medianeira.

A terceira colocação da etapa gaúcha, que foi realizada em Santa Maria pela segunda vez, ficou com Pedro Cunha e Pedro Solberg (RJ), campeões da primeira edição, em 2009. Eles derrotaram Thiago/Harley (SC/DF) por 2 sets a 0 (21/18 e 21/9).

Depois de dois torneios sem ocupar o lugar mais alto do pódio no Circuito Banco do Brasil Vôlei de Praia, as campeãs pan-americanas Juliana e Larissa (CE/PA) retomaram o posto neste DOMINGO (10.04), em Santa Maria (RS), cidade que recebeu

a sexta etapa da temporada 2011. A dupla fez valer sua vasta experiência e derrotou as estreantes em decisões Lili e Luana (ES) por 2 sets a 0 (21/11 e 21/15), garantindo o título da competição.

Na disputa de terceiro lugar, as irmãs Maria Clara e Carolina (RJ) derrotaram Val/Shaylyn (RJ/CE) por 2 sets a 0, parciais de 21/19 e 21/17, e subiram ao pódio pela primeira vez na temporada. ([www.cbv.com.br](http://www.cbv.com.br))

Finalmente, após termos acesso a todas essas informações podemos ter um panorama geral dos eventos promovidos para o incentivo à prática desta modalidade no Estado e da importância em mantê-los, já que estamos tratando de um esporte olímpico.

## 5. HISTÓRIAS DE VIDA DE ATLETAS PROFISSIONAIS E AMADORES

Na obra de RÚBIO (2006), a autora trás uma série de entrevistas com atletas representantes das medalhas olímpicas conquistadas nas várias edições das Olimpíadas. Neste contexto, o voleibol de praia também teve seus representantes masculinos e femininos narrando suas expectativas, vitórias e frustrações. Cada um evidenciando a representatividade que a Olimpíada traduz, as experiências vividas, as sensações, as emoções envolvidas ao representar um país. A pressão da mídia sobre a modalidade e, ao mesmo tempo, o sentimento de missão cumprida, de superação.

Infelizmente não são todos os atletas que tem a oportunidade de experimentar esse momento único, mas que não diminui o valor de sua luta no cenário esportivo. É com esse pensamento que, de forma semelhante, tento dar a minha contribuição à modalidade em questão, para que possa servir de incentivo a outros pesquisadores a idéia de valorizar os esportistas regionais. Sendo assim, vejo que é possível trazer à tona a história de alguns poucos personagens que, com seus esforços, muitas vezes solitários, tentam este mesmo trajeto na busca, de quem sabe, chegar ao ponto mais alto do pódio no cenário esportivo brasileiro e, também realizar o sonho de ser um herói olímpico.

Com uma iniciativa modesta me aventurei então a desafiar esses personagens do vôlei de praia aqui do Estado a contarem as suas trajetórias e expectativas, para que ao final desta jornada tenhamos um esboço, ao menos, do que permeia a vida esportiva desses atletas, como são tratados (patrocínio, apoio da federação local, locais oferecidos para treinamento, etc.) e o caminho árduo para a profissionalização. Só assim, a partir da descrição panorâmica dos fatos é que poderemos, em conjunto, apontar caminhos que possam contribuir para diminuir os entraves ao desenvolvimento do esporte. Assim, conheceremos um pouquinho das histórias dos atletas que treinam em busca de medalhas, por uma vida melhor e suas dificuldades para atingir esses objetivos.

Indo adiante, chego finalmente à minha pesquisa, onde passo a trazer os relatos atuais, colhidos na tentativa de detectar a realidade, as mudanças e os avanços, tanto no que diz respeito à trajetória esportiva dos atletas profissionais quanto dos atletas “amadores”:

Assim podemos destacar, na década de 1990, atletas gaúchos que fizeram história não só nas quadras, mas na areia também, vejamos a seguir:

a) Rejane C. :

Em primeiro lugar, a partir de pesquisas feitas na internet, fui encontrando e, não poderia deixar de acrescentar a essa pesquisa, o relato feito pela atleta, no ano de 2004, à Mauro Travassos Filho, no site [40graus.com](http://40graus.com):

Uma representante entre as saídas do qualifying para o torneio principal é a atleta Rejane, de 42 anos, a primeira jogadora gaúcha de vôlei de praia, venceu, ao lado da parceira Ivanise (BA) a dupla Michelle Carvalho e Patrícia (RJ/RN) por 2 a 0 (18/12 e 18/14). As adversárias foram justamente as responsáveis pela eliminação de Rejane e Ivanise no qualifying da etapa de Londrina.

Sou veterana, estou quase encerrando minha carreira. Então, cada vitória é como se fosse uma final, pois não é fácil enfrentar essas meninas novinhas e muito rápidas. Antes da etapa passada, eu e a Ivanise não conseguimos fazer nenhum treino juntas e acabamos não conseguindo a classificação. Já aqui para Porto Alegre, passamos dez dias no Rio de Janeiro fazendo treinamento,

Explicou Rejane, hexacampeã gaúcha pela Sogipa, onde começou a jogar vôlei aos 15 anos de idade.

Se hoje sou guerreira, devo muito ao meu técnico na época, o Betão. A escola gaúcha de voleibol é uma das melhores no trabalho de técnica e de fundamento. Além disso, o material humano é muito bom. Essa mistura de italianos e alemães gerou uma gente muito alta e forte”, completou Rejane.

#### b) Luciano Menegaz – 1993

Para Menegaz, 39 anos, Personal Training, de Santa Cruz do Sul/RS: Tudo começou no ano de 1993 ao praticar com objetivo de participar de um torneio municipal:

“... foi o momento que iniciei minha trajetória junto ao atleta Alexandre Dahmer (Cabelo). Resultado: desclassificação logo na 2ª rodada. A partir de então, resolvemos treinar, ainda de maneira bem amadora com objetivos de participar de torneio regionais.”

Já em 1996 - participação no Campeonato Estadual, o primeiro título, e assim sucessivamente por oito temporadas: “O último campeonato estadual promovido pela FGV foi em 2002, e perdemos na final. Vãos maiores foram dados com participações eventuais em etapas do circuito BB.”

A partir de 1997,

“Nos tornamos profissionais, com o patrocínio da UNISC. Desde então, conquistamos os mais importantes torneios no Estado, com o apogeu da posição do ranking nacional entre as 13 melhores duplas do país, fazendo parte do ranking principal do circuito nacional bb de vôlei de praia(CVPBB). As melhores posições em etapas do

circuito BB, foram vários 9º lugares, conquistando, assim, o ineditismo e exclusivo reconhecimento de toda classe de atletas e organização da modalidade nacional.”

Entre 1998 e 2001 - a dupla representa o Brasil no torneio do Mercosul Open e Cone Sul (Uruguai), onde conquistaram juntos 2 títulos e um vice-campeonato.

Em 2004 – veio a separação da dupla com Cabelo, uma nova parceria com o irmão (Leandro) que durou pouco e novos desafios internacionais: “ ... E também nesse ano fui para Portugal jogar o circuito daquele país, juntamente com o pernambucano Wander Moura Coutinho ... foram 3 meses longe da família (esposa Caline e filha recém-nascida, Rebeca).”

Em 2004, em entrevista ao site 40graus.com, intitulada: Menegaz joga pela primeira vez em casa sem Cabelo: Se estivessem jogando juntos, os gaúchos de Santa Cruz do Sul, Cabelo e Menegaz, estariam completando em 2004 dez anos de parceria. Mas, Cabelo decidiu parar, e agora Menegaz se vê diante de uma experiência nova: jogar com um novo parceiro no torneio principal desta terceira etapa do Circuito Banco do Brasil em Porto Alegre. “Vou estar careca”, brincou Menegaz, que jogará ao lado de Marco Aurélio, o Cabeça.

“Estou ansioso para ver o que vai acontecer. Mas, ao mesmo tempo, será um orgulho estar ao lado de um jogador que começou comigo”, ressaltou Menegaz. Cabeça é um dos poucos jogadores que disputam o Circuito Banco do Brasil que começou nas areias e também comenta sobre suas experiências e sobre seus parceiros:

“O Menegaz e o Cabelo foram os meus professores. Em 96 me mudei para Santa Cruz do Sul para cursar a faculdade de educação física, e no ano seguinte, comecei a treinar com eles. Não tinha qualquer fundamento já que eu nunca havia jogado vôlei. Espero aprender muito mais ainda e buscar o profissionalismo. Só vivendo o clima do Circuito Banco do Brasil é que a gente vê o que é ser profissional de vôlei de praia. Vai ser a primeira vez que vou jogar o torneio principal. Até então, só tinha visto essas feras pela televisão. Agora, vou ter a oportunidade de enfrentá-los. Será uma experiência diferente pra mim”

Em 2006, segundo Menegaz, com a mudança de reitoria na universidade e com o pensamento menos voltado ao esporte e mais político, o patrocínio retrocedeu até números irrisórios ... “período muito difícil para mim, particularmente.”

Em 2007, em entrevista à Gazeta do Sul quando foi disputar Campeonato em Portugal:



Para Luciano Menegaz, a experiência internacional resume-se a eventos no Uruguai, onde, com seu ex-parceiro, Alexandre Dahmer, o Cabelo, conquistou o torneio Mercosul Open (1998). Conforme o atleta, esta é uma oportunidade única, pois jogar fora do Brasil oportuniza o crescimento profissional e pessoal, além da grande responsabilidade de representar o país onde se tem o melhor voleibol de praia do mundo.

“Pra mim esta participação é uma coroação a tudo que já fiz pelo voleibol. Estou com 35 anos e oportunidades como esta ainda surgindo para mim, com certeza, é motivo de muito orgulho”, festeja Menegaz.

Os atletas receberam a chancela do Departamento de Vôlei de Praia da Confederação Brasileira de Voleibol, autorizando a participarem do Circuito Lumitek Português/2007 como dupla estrangeira indicada. Menegaz e Wander Moura terão, ainda, apoio da Federação Portuguesa com as [despesas](#) nos eventos. Para os demais custos, possuem o patrocínio da Afubra e Conduvale, e apoio da Imprimex, mas ainda buscam mais empresas que possam auxiliá-los.

Em 2008, já morando na capital gaúcha, jogou seu último torneio como profissional ao lado do atleta Julio Bernardi, onde representaram o Brasil nas etapas do Sul-Americano do Chile e do Uruguai (3º lugar).

“Já não tinha mais patrocínio. Quanto à FGV, em todo esse período, deixou muito a desejar no que tange a promoção de eventos e apoio a atletas.”

Para Menegaz, os atletas gaúchos nesse período:

“são amadores na forma de treinar e competir, e, infelizmente, na forma de pensar, transferindo a sua responsabilidade para com a modalidade apenas para a FGV/CBV. No período de profissional, não esperei por ninguém, corri atrás de tudo e de todos, tive a coragem de acreditar no meu voleibol e não me arrependo, faria tudo novamente... até tentamos formar uma associação, mas a falta de união e de um pensamento mais profissional de alguns atletas, fizeram com que a idéia morresse na casca.”

c) Ingrid Volpi – 1995

A atleta Ingrid, 36 anos, também nos conta um pouco da sua experiência no vôlei de areia:

Em 1995 começou a praticar o vôlei de praia treinando no parque Marinha e jogando os torneios aqui no RS. Torneios que eram realizados pelas prefeituras ou pelos clubes em diversas cidades do RS.

“Em seguida comecei a jogar o circuito BB e fui treinar em outras cidades que tinham melhores condições climáticas, Rio, João Pessoa, Fortaleza... Na época várias jogadoras daqui fizeram como eu, quadra no inverno e praia no verão. Algumas continuaram também só na praia, depois de algum tempo.”

Ingrid também nos fala das parceiras que fez ao longo da sua trajetória e de suas conquistas:

“No início joguei com a Rachel Einsfeld, fomos parceiras por 3 anos. Depois joguei com várias outras. Gaúchas, foram a Fabiana Tentardini e Carolina Buchholz. Minha melhor colocação foi 4º lugar na etapa de Brasília do BB em 2002.”

Em 2004, em entrevista para o site da CBV intitulada de: Ingrid e Carol : uma dupla totalmente gaúcha, ela faz um relato sobre a sua experiência:

Há quase um ano, Ingrid teve sua vida mudada em questão de poucas horas. Depois de acertar sua dupla com Carol para disputar as etapas do Circuito Banco do Brasil, Ingrid recebeu um telefonema de que estava tudo certo para sua transferência para a Itália, onde jogaria indoor. Hoje, ela se lembra de tudo isso feliz, por estar atuando onde ela mais gosta.

“Gosto muito mais de estar no vôlei de praia. Eu e a Carol nos conhecemos desde que éramos crianças. Começamos a jogar juntas no Grêmio Náutico União. Além disso, nossas famílias se conhecem há bastante tempo. Nossa dupla de vôlei de praia foi iniciada com o apoio do Governo do Estado, junto com a UCS, que, hoje, nos ajuda com 50 por cento dos gastos das despesas de viagens. O que me deixa mais feliz atualmente é o fato de que pela primeira vez tenho uma estrutura no vôlei de praia. Desde janeiro estamos sendo treinadas pelo Paulão, que foi vice-campeão mundial com o Paulo Emílio e primeiro campeão do Circuito Banco do Brasil. Se não fosse todo esse apoio, hoje estaria na Europa”, afirmou Ingrid.

As duas atletas, que estão em negociação para continuar com o apoio do Governo do Estado, têm mais planos para o futuro. “Junto com a UCS queremos desenvolver o vôlei de praia no estado”, concluiu Ingrid.

Quanto às condições para a prática desta modalidade no Estado (ex: locais para o desenvolvimento de treinos, patrocínio, formação de técnicos, etc.) ela também coloca o seu ponto de vista a respeito:

“Muito ruins. A quadra que eu conheço, o Marinha, quando chove já era. A Federação Gaúcha não desenvolve nada no vôlei de praia, os clubes também não. As pessoas que jogam, o fazem por amor. Tudo muito amador.”

A atleta também comenta sobre a organização dos torneios realizados:

“Os torneios que joguei no início, pagavam um pouco, dava pra pagar as passagens, inscrição e alimentação e olhe lá. Dormíamos em alojamentos. Era bem legal, mas nada profissional, era simplesmente divertido porque estávamos com os amigos e podíamos jogar.”

E, finalmente fala sobre a Federação Gaúcha e aponta caminhos para a profissionalização:

“A FGV desenvolveu e desenvolve muito pouco no vôlei de praia: organizou uns 2 torneios nesses últimos 15 anos. Pra coisa melhorar, tem muito caminho: os clubes precisam ter seus times de vôlei de praia, a federação teria que organizar torneios, precisaria ter locais pra praticar. E então poderia se pensar na formação de técnicos, procurar patrocinadores e a mídia.”

Atualmente Ingrid mora no exterior, joga torneios de vôlei de praia na Suíça. E diz que se voltasse pra cá acha que teria que ir pra outros Estados pra jogar os torneios.

#### d) Matheus Vier - 1997

Já para o atleta Matheus, 29 anos, o ano de 1997 marca o início de sua trajetória, um pouco diferente, com o apoio de familiares. Incentivado pela avó materna e seus dois tios, irmãos do seu pai.

“Ao contrário de muitos atletas que começam jogando torneios menores, eu fiz o caminho inverso.”

1998- Ano da primeira competição, foi uma etapa do circuito brasileiro, realizada em Florianópolis, Jurerê. Dessa fase em diante o atleta não parou mais:

“Continuo jogando, no momento não tenho um parceiro fixo, é uma situação que me incomoda, e que espero rapidamente mudar.”

Matheus também relata sua experiência ao longo do tempo:

“Com relação a competições, eu já joguei todos os grandes circuitos do Brasil e muitos no exterior. Exceto o circuito brasileiro, todos os outros torneios eu venci em algum ano, e muitos deles venci mais de uma vez ( etapas do circuito estadual , metropolitano , rei da praia , e grandes torneios isolados ).”

“Atualmente sou vice-líder do ranking gaúcho( circuito Sul) , e terceiro colocado do ranking do circuito metropolitano. No circuito Banco do Brasil Estadual fui a segunda melhor dupla gaúcha, alcançando a quinta colocação, perdendo a vaga pra semi num eletrizante tie break. No Circuito Brasileiro Open minha melhor classificação foi disputar vaga para passar do torneio qualificatório , o que já é bastante difícil.”

Com relação ao material e local de treino ele diz nunca ter tido dificuldade, pois tanto em Santo Ângelo quanto em Porto Alegre, cidades onde treinou sempre tiveram locais bons para a prática, “se não eram ótimos eram ao menos adequados”. Já com relação a parcerias acha bem complicado: “pois implica vários fatores que temos que nos adequar. Estilo de jogo, personalidade, disponibilidade para viagens e treinos diários. Enfim essa parte é bem complicada.”

O atleta também faz uma avaliação das condições para a prática do vôlei de praia no Estado (ex: locais para o desenvolvimento de treinos, patrocínio, formação de técnicos, etc.):

“As condições/local para treinamentos são boas, com algumas ressalvas, de areia etc ... as quadras deveriam ter mais areia, para nos equiparmos com os melhores centros. Patrocínio não existe, salvo raras exceções. Desenvolvimento de técnicos, existe menos ainda. Teu irmão foi o único e continuará sendo, apto a dar um treino de qualidade, mas a falta de material humano tem feito que nem ele consiga desenvolver um bom trabalho.”

Além disso, dá a sua opinião quanto às competições das quais participa (ou participou), quanto à divulgação, organização e as premiações oferecidas, além do apoio da FGV (Federação Gaúcha de Voleibol):

“Tirando algumas competições isoladas, a grande maioria das competições é bem divulgada, inclusive com sites para acompanharmos as inscrições. A FGV não realiza mais nenhum torneio de VP, então não existe como avaliar uma coisa que não existe.”

Também opina sobre o que poderia melhorar para profissionalizar os atletas:

Segundo Matheus, para profissionalizar os atletas da nova geração, é necessário uma mudança de mentalidade de empresários, e que os mesmos apoiem financeiramente estes garotos.

“Caso contrário o dito vôlei profissional ficará reduzido a poucas iniciativas particulares, como é o meu caso! E ser profissional aqui no Estado, tem também a problemática do inverno, onde fica muito frio, chove muito e as quadras ficam com areia dura, o que impede de treinar.”

E, finalmente comenta sobre suas metas como atleta representante desta modalidade esportiva no Rio Grande do Sul:

“Neste momento meu principal objetivo é ter um parceiro fixo, para poder seguir obtendo os resultados que eu sempre consegui, que é estar em todas competições entre as melhores duplas. Afora isso, não penso em mais nada. Quero aos poucos começar a me retirar de grandes competições, pois acho que minha contribuição já foi dada, mas quero me retirar com a qualidade técnica que sempre me caracterizou.”

e) Mônica Monteiro - 1998

Mônica P. Monteiro também é uma atleta que representa o RS nas competições: (<[www.cbv.com.br/cbv2008/prai/perfil.asp](http://www.cbv.com.br/cbv2008/prai/perfil.asp)>. Acesso em: 03 de set. 2010)

Catarinense de Cunhaporã, Mônica Monteiro joga vôlei de praia desde 98, e em pouco tempo conquistou grandes resultados. Sua melhor fase foi quando esteve ao lado da medalhista olímpica Mônica Rodrigues. Ela começou a praticar o esporte no Rio Grande do Sul, jogando com a irmã Milene. Mônica também trabalhou como modelo, mas deixou as passarelas para dedicar-se ao esporte. Tornou-se evangélica e casou-se no dia 4 de julho de 2004 com o advogado gaúcho Félix.

Principais resultados da atleta ao longo de sua trajetória: Já em 1998 foi eleita a revelação feminina do Circuito Banco do Brasil; Em 2001 terminou em terceiro lugar no ranking brasileiro; Já em 2002 – Foi campeã do Torneio Internacional da Colômbia e das etapas Challenger do Circuito Banco do Brasil de Campo Grande e Belém e vice na de Natal; Além disso foi campeã da etapa boliviana do Circuito Sul-Americano neste mesmo ano; Em 2003 - Terceira colocada na etapa Challenger do Circuito Banco do Brasil em São Luis; No ano de 2004 - Vice-campeã da etapa de Porto Alegre do Circuito Banco do Brasil e terceira nas etapas Challenger do Circuito Banco do Brasil de Natal e de Aracaju. Em 2005 - Campeã da etapa chilena do Circuito Sul-Americano

em 2005 e em 1999 e da etapa Challenger de Palmas e de Rio das Ostras (RJ) do Circuito Banco do Brasil e vice em Manaus;

Entre as conquistas mais recentes podemos destacar o ano de 2008 – onde foi a quarta colocada na etapa de Campo Grande do Circuito Banco do Brasil e o ano de 2009 onde foi campeã da etapa do Distrito Federal do Circuito Estadual Banco do Brasil.

Atualmente a atleta dedica-se ao papel de mãe. Até a 10ª etapa do Circuito Brasileiro de 2010, Mônica ocupava a 18ª posição do ranking, sendo a segunda atleta gaúcha mais bem colocada.

Bem, o esporte não é construído apenas por atletas, mas devemos nos lembrar do papel dos professores, técnicos e outros colaboradores que fazem parte deste time e são de grande relevância para o esporte, sendo assim:

A vida de técnico de vôlei de praia aqui no RS também enfrenta muitas dificuldades, a começar pelo clima da região e a falta de apoio. Assim é importante ressaltar a história também daqueles que contribuem para a formação e aperfeiçoamento dos atletas. Um exemplo disso é o técnico de Vôlei de Praia:

f) Rinaldo Michael (técnico) – 1996

O início para ele também foi difícil, acompanhe:

“Comecei a prática em 1996, Porto Alegre. Quando iniciamos, não tínhamos material disponível, pessoas para ajudar, e o local era precário - Parque Marinha - não havia atletas dispostos a participar de treinos pagos, só jogavam partidas nos fins de semana.”

“A primeira etapa foi em Florianópolis em 1997, fomos convidados pela federação local, mas quando chegamos na semi-final, nos pediram para deixar a dupla local vencer, para que mantivessem o apoio financeiro. Fomos eu, Mônica Paludo e Patrícia Prates.”

Conquistas:

“Trabalhando com Mônica Paludo fomos jogar o CBBVP a partir de 1997, nossas colocações: 8 x campeões de etapas sul-americanas, 17 finais de campeonatos brasileiros (1998 a 2005), sendo vencedor em 2 x; 3 x campeã da copa Samsung de vôlei four (quartetos); 5º colocado no Pan- Americano de Winnipeg – Canadá.”

“Bom, no meu ver, houve uma melhora na condição de local para treinar, com vários pontos no Estado. Houve um maior interesse dos atletas em evoluir, através de treinamentos.”

O técnico comenta sobre o patrocínio e sobre a formação de técnicos no Estado:

“A questão de patrocínio é ainda a maior dificuldade encontrada.”

Na formação de técnicos de vôlei de praia no Estado, atuando são dois- Rinaldo e Andréa do Clube de Estância Velha.

Rinaldo também avalia a organização das competições no Estado e o papel da FGV:

“As competições das quais participei, na sua maioria, foram bem divulgadas, torneios no Estado também, a FGV não tem interesse no vôlei de praia gaúcho, alegando falta de recursos.” O técnico também opina sobre a profissionalização dos atletas:

“Na profissionalização de atletas, já está acontecendo a nível Brasil, com o desenvolvimento do Bolsa-Atleta, mas ainda falta muito incentivo fiscal para que as empresas atuem melhor na divulgação da marca e apoio financeiro.”

E, finalmente, fala sobre suas metas para o futuro:

“Atualmente a minha meta é ganhar o Pan-Americano de surdos, que será realizado em novembro de 18 a 28, em Minas Gerais, e o Brasileiro de Surdos em Setembro. Já conquistamos o tetra campeonato de surdos, ficamos em 9º lugar na deaflympics na China em Setembro de 2010.”

Na década de 2000 também surgiram mais campeões gaúchos:

a) Gravina – 2000

Julierme (Gravina), 36 anos, Pós-graduado em nível de mestrado em Ciências da Computação – UFRGS/2003. Analista de Sistemas. Começou a praticar o vôlei de praia em 2000:

“Originário do vôlei indoor, comecei a praticar vôlei de praia principalmente, no início, pela disponibilidade de local para prática e também de atletas. Depois, me identifiquei com uma das características marcantes dessa modalidade em relação ao indoor: ser consistente em todos os fundamentos (saque, bloqueio, defesa, etc.).”

O atleta fala de seu início, objetivos traçados:

“A partir do gosto pelo esporte que foi desenvolvido, o que me levou a participar de competições, principalmente o Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia. A partir disso, foi traçado o objetivo de, ao menos uma vez, participar do torneio principal de uma etapa, superando o torneio de qualificação. Objetivo atingido em 2009. Para tanto, foram realizados treinamentos de musculação e também com bola. Este último, muitas vezes, sob condições climáticas

adversas como chuva e frio; o que também dificultou a obtenção de atletas para ajudar no treinamento.”

“A infra-estrutura física também compôs um entrave, uma vez que o local disponível, quadras de areia do Parque Marinha do Brasil, não apresentam condições similares aquelas encontradas nas competições: quadra de areia fofa.

Para finalizar, a falta de um atleta, especificamente de Porto Alegre, para participação no circuito brasileiro também configurou um problema na busca de melhores resultados nas etapas. Uma vez que quase sempre havia problemas de entrosamento em relação aos atletas quase sempre oriundos da região nordeste ou sudeste.”

Ele comenta sobre a primeira competição da qual participou, com que atleta e se continua atuando no vôlei de praia:

“Primeira participação em uma competição de vôlei de praia foi com o atleta Marcos Keidam, em um torneio de Montenegro em 1998. Na época, com foco no vôlei indoor, obteve-se a 3ª colocação do certame. Atualmente, participa-se de algumas etapas do circuito brasileiro e também torneios do estado do RS. Melhor colocação no brasileiro foi 19º lugar em duas etapas. No contexto dos torneios gaúchos, 1º lugar em Caxias, Salto do Jacuí, Venâncio Aires e Itaqui.”

Julierme faz a seguinte avaliação sobre as condições para a prática do vôlei de areia no Estado (ex: locais para o desenvolvimento de treinos, patrocínio, formação de técnicos, etc.):

“Realmente, não há qualquer incentivo para a prática do vôlei de praia. Tanto do ponto de vista de infra-estrutura quanto de material humano. Os lugares onde se pode jogar continuam os mesmos, fruto de esforços realizados há, pelo menos, 30 anos. Para piorar, não há novos atletas surgindo nesse esporte quanto o número de jogadores que deixam de jogar a cada ano. Creio que um investimento em popularizar o esporte poderia ser realizado nas escolas.”

Ele também classifica as competições das quais participa (ou participou), quanto à divulgação, organização e as premiações oferecidas, além do apoio da FGV (Federação Gaúcha de Voleibol). E, na sua visão, o que poderia melhorar para profissionalizar os atletas?

“Os torneios que participei sempre evoluem, uma vez que sejam realizados ano após ano, quanto à organização e premiação. Mas estão muito a quem daquilo que justificaria um atleta se profissionalizar. Na verdade, está difícil até mesmo para quem vive nos ditos centros do esporte, no Rio e no Nordeste. A Federação Gaúcha não realiza um torneio de vôlei de praia desde 2001. Nisso, já se nota a falta de apoio/investimento no esporte. A verdade é que o estado não favorece devido ao frio, mais tradicional no vôlei indoor.”



Julierme também nos fala de suas metas:

“Participar das etapas do circuito brasileiro, torneio de qualificação, que forem mais próximas daqui. Além disso, continuar a competir nos torneios do estado. Minhas quotas como organização já se esgotaram na ocasião do Circuito Sul de vôlei de praia. A falta de apoio e até engajamento de alguns atletas colaboraram para esse desestímulo.”

Atualmente o atleta ocupa o 34º lugar no ranking individual (do Circuito Banco do Brasil 2011).

b) Tatiana Minello - 2002

A atleta Tatiana, nascida na cidade de Santa Maria (RS) em 01/03/70 também faz parte da história do vôlei de praia:

Tatiana defendeu grandes clubes do vôlei indoor antes de ingressar no vôlei de praia. Ela já jogou no Flamengo e disputou cinco temporadas na Itália. A defesa é um dos seus melhores fundamentos. Jogou a AVP (Circuito Norte-Americano) por várias temporadas. Além disso, Tatiana gosta de ouvir música e de uma boa leitura nas horas de lazer. A gaúcha aponta as praias do Nordeste como as melhores para se jogar o vôlei de praia, mas não dispensa as praias de Ipanema e do Leblon, pelo visual e pelo alto astral do povo carioca.

Tatiana também coleciona muitas conquistas:

Em 2001: Campeã do Goodwill Games, na Austrália, e Vice-campeã mundial, na Áustria; Em 2002: Vice-campeã do Circuito Banco do Brasil e campeã das etapas de Brasília, Betim e Maceió; Também foi eleita a melhor defesa do Circuito. Em 2003: Campeã da etapa de Juiz de Fora do Circuito Banco do Brasil e vice em Brasília e no Rio de Janeiro, jogando ao lado de Ana Paula, e vice em Campo Grande (MS), com Alexandra; Em 2004: Campeã do Challenger do Circuito Banco do Brasil; Vice-campeã da etapa de Londrina e de Goiânia do Circuito Banco do Brasil; Em 2005: terceira colocada nas etapas de Londrina, Campo Grande, Goiânia e João Pessoa do Circuito; Vice-campeã da etapa de San Diego do circuito dos Estados Unidos e terceira colocada nas etapas de Cincinatti e de Belmar.

Atualmente, após tantas conquistas, continua disputando as etapas e ocupa o 25º lugar no ranking individual feminino do Circuito Brasileiro.

## OS ATLETAS “AMADORES”

Para fins desse estudo não poderia deixar de destacar a importância e o significado dos atletas amadores, ou seja, aqueles que mesmo sem condições ideais de treino, se esforçam para participar das competições que surgem no Estado. Muitos se destacam nas competições regionais e, isso, serve de incentivo para que eles continuem investindo o seu tempo e dedicação a esta modalidade. Mais do que isso, devemos nos lembrar que o esporte é democrático, aberto às manifestações sociais e, no vôlei de praia não seria diferente. Como exemplo, podemos citar a iniciativa para a realização de eventos como a dos Jogos de Vôlei de Praia Gays, realizados recentemente nas areias do parque Marinha do Brasil, sediado na capital gaúcha.

Acompanhe a notícia publicada no site da prefeitura de Porto Alegre, no ano de 2008, intitulada:

“Jogos Gays começam com vôlei de praia no Marinha”

A terceira edição dos Jogos Gays de Porto Alegre começou hoje, 16, nas quadras de areia do Parque Marinha do Brasil, com o torneio de vôlei de duplas. Após equilibrados confrontos entre as nove duplas inscritas, Paulo André e Ari ficaram com o título. A dupla Maximiliano e Ênio sagrou-se vice-campeã, enquanto Fabrício e Eduardo finalizaram em terceiro lugar.

Com clima agradável de final de verão, um bom público prestigiou a abertura do evento, que teve um aumento de competidores em relação ao ano passado, quando participaram quatro quartetos. O evento faz parte das atividades do aniversário de Porto Alegre e é uma parceria da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) com o Grupo Nuances.

Fonte:

<[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/acessibilidade\\_smarty/default.php?%20projeto\\_sec=144&p\\_secao=3&pg=4419&p\\_reg=87403](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/acessibilidade_smarty/default.php?%20projeto_sec=144&p_secao=3&pg=4419&p_reg=87403)>. Acesso em: 07 jun. 2011

Observe também esta notícia publicada em 11/05/2009, no site do clicrn, intitulada:

“Vôlei gay vira badalação em parque de Porto Alegre”

Uma partida de vôlei de praia, só que na areia do parque Marinha do Brasil, na cidade de Porto Alegre, RS. A diferença está na orientação sexual dos jogadores. Eles são todos gays. "Ninguém vai vir de salto aqui pra jogar volei, não é" diz um deles.

De um encontro para a prática de esportes, o vôlei virou uma reunião de amigos gays e simpatizantes que agora, vêm ao parque não só para jogar, mas para paquerar e até tomar chimarrão, a bebida típica dos gaúchos.

"As pessoas que praticam esporte, independente da orientação sexual, elas jogam melhor ou não e isso acaba desmistificando um pouco dessa visão que se tem" diz Célio Golin, coordenador do evento.

"Não sou gay, mas sou simpatizante. Então a gente veio assistir, passar o domingo aqui" diz Rochele, técnica de enfermagem.

O vôlei trouxe a badalação para o parque e, com o esporte, um torneio. A ONG Nuances criou os Jogos Gays que chega à terceira edição. "Em 98 participamos do GayGames, na Holanda, e a partir dele a gente começou a pensar que também poderia organizar aqui em Porto Alegre esse tipo de jogos" explica o coordenador.

A cada ano mais duplas participam do torneio. Este ano foram nove. Eduardo e Fabrício são uma dessas duplas que, além do esporte praticam o namoro. Os dois participam de outros campeonatos inclusive. "O namoro surgiu no circuito do Banco do Brasil há dois anos. A gente tinha amigos em comum, ai se conheceu" conta Eduardo R., operador de telemarketing.

Juntos eles levantam não só a bola, mas a auto-estima e dão cortadas pra vencer também o preconceito.

Fonte:

<<http://www.clicrn.com.br/noticias,156172,4,volei+gay+vira+badalacao+em+parque+d+e+porto+alegre.html>>. Acesso em: 07 de jun. 2011

Merecem destaque também os atletas surdos que possuem uma bela participação no mundo esportivo e, em particular no Vôlei de Praia representando a sua categoria. São exemplos disso os atletas surdos gaúchos Toríbio e Alexandre, que representam a associação SSRS, também vem tendo destaque sendo a dupla campeã do ranking nesta categoria, apresentando os seguintes resultados:

Em 2009 - 1º lugar: na 3ª Copa Brasil no Rio de Janeiro/RJ e, no 1º Circuito Nacional disputado em Salvador/BA; Em 2010 – foram campeões no 2º Circuito Nacional - Rio de Janeiro/RJ e no 3º Circuito Nacional em Porto Alegre/RS. Além disso, no ano de 2010 o atleta Toríbio também participou de etapas do Circuito Brasileiro.

Veja a entrevista dada ao site sur10.net pelo atleta Toríbio de Porto Alegre-RS:

Quer dizer que você é atleta? Qual esporte você pratica? Você participou das competições ouvintes e surdas? E qual associação?

“Sou atleta sim, jogo vôlei de praia, sou o atual Tri-Campeão Invicto Brasileiro de Vôlei de Praia de Surdos, já representei o Brasil nas Deaflympics (Surdolimpiadas) em Taipei, ano 2009, estando em Nono lugar, com a minha dupla Alexandre Couto. Sempre participamos de campeonatos de ouvintes. E nas competições de surdos, nós jogamos pela Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS).”

Os atletas amadores do Rio Grande do Sul, na sua maioria são ex-praticantes das quadras e foram estimulados a migrarem para as areias a partir de convites feitos por amigos, pelas competições oficiais que assistem, num ambiente profissional vendo seus ídolos em ação e também pelas pequenas participações em jogos, sem compromisso, nos finais de semana.

A partir da integração social que esta modalidade proporciona aos seus participantes, além do sentimento de desafio que ele provoca, este é um esporte dinâmico, muito disputado, ponto a ponto, que exige um alto grau de habilidade, de preparo físico e de muita vibração.

A rotina desses atletas também é composta de treinos semanais, normalmente em horários livres, mas com uma certa regularidade. Normalmente nos finais de tarde, após o horário de trabalho ou de estudo e, nos finais de semana.

É claro que, no Rio Grande do Sul não podemos nos esquecer do clima que certamente influencia nesta rotina, como é o caso, por exemplo, daqueles que atuam na capital, Porto Alegre. Pois estes utilizam, principalmente as quadras do parque Marinha do Brasil, onde há cinco quadras de areia. O espaço é bem democrático e público, é só chegar e esticar a rede. Para treinar à noite, é necessário agendar antecipadamente na secretaria do parque, para que seja também acionada a iluminação do local. Que há

pouco tempo foi instalada, por reivindicação dos atletas, principalmente no verão, para que pudessem realizar a prática da modalidade também à noite.

Por essas e outras razões é que o parque é bastante procurado, pois apresenta condições mínimas, sendo assim, um ponto de encontro dos atletas, o que é essencial, pois na sua maioria eles não dispõem de patrocinadores que ofereçam uma infraestrutura desse porte.

Ao lembrarmos disso, podemos pensar, mas como eles participam das competições fora da capital então? E me parece muito óbvio que eles vão por conta própria, pagando suas próprias despesas com o seu salário ou com a ajuda do “patrocínio”, despesas essas que não são poucas (transporte, alimentação, estadia...)! E mais, ainda precisam muitas vezes ajudar o companheiro da dupla, se quiserem, é claro jogarem juntos. Falando nisso, as duplas são formadas inicialmente por afinidade, mas para dar continuidade a um trabalho de um longo período, isso requer um certo sacrifício de ambos ao longo da jornada, é por isso que vemos a troca de parceiros, de acordo com as circunstâncias, eles terminam por continuar competindo com quem “pode” ir, mas também essa troca constante acaba prejudicando o entrosamento, a qualidade e os resultados finais alcançados.

Infelizmente os empresários gaúchos ainda não se mostram comprometidos totalmente com os esportes olímpicos a ponto de incentivar os atletas locais, pois ainda não compreendem que só se formam campeões através de um trabalho em conjunto.

Assim, os poucos que tentam ajudar normalmente contribuem com quantias pequenas ou apenas materiais para treino (bolas, uniformes, etc) ou, simplesmente, como é o caso de algumas universidades, põem à disposição um local para treinar. Infelizmente o pacote nunca vem completo.

E, para finalizar, tivemos então a oportunidade de ver até aqui como é a vida, a rotina de um atleta amador, sempre na luta para conseguir condições melhores para que um dia, quem sabe, possa sonhar em se tornar um profissional e viver somente do esporte e para o esporte.

Os relatos colhidos até aqui tiveram a intenção apenas de fazer o leitor refletir um pouco sobre o significado de fazer o que se ama com prazer, ir além na conquista de um sonho e torná-lo palpável, vencendo as dificuldades para chegar, enfim, ao patamar mais alto, o do reconhecimento pessoal e profissional. Não só admirar um ídolo, mas tornar-se um também, sendo um exemplo e um agente de disseminação de valores

positivos para toda uma sociedade utilizando o esporte como um meio para atingir esse fim.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo traçado para a construção desta pesquisa iniciou-se todo um planejamento para que se pudesse atingir o resultado final de descrever fielmente como é realizada a prática do Vôlei de Praia no Rio Grande do Sul. Foi com esse propósito, que optou-se por uma pesquisa histórica que utilizou fontes impressas e orais. E estruturou-se o presente trabalho em cinco capítulos, resumidos a seguir:

No capítulo intitulado: Um pouco de história sobre o Vôlei de Praia, inicialmente podemos acompanhar a descrição do esporte Vôlei de Praia, seu conceito, características e como são as regras. Como é feita arbitragem dos jogos, como é composto o ranking brasileiro e a organização deste esporte. Pôde-se conferir que na década de 1960 foi criada a modalidade no estado da Califórnia (Estados Unidos). Porém, tornou-se um esporte profissional somente na década de 1980. Foi neste período que chegou ao Brasil e espalhou-se pelas praias do mundo todo.

Até então, durante a década de 1930, alguns jogadores formados nos clubes da cidade do Rio de Janeiro começaram a praticar o Vôlei de Praia, de forma recreativa, nas praias de Copacabana, Ipanema e Leblon. Os primeiros torneios amadores de vôlei de praia no Brasil datam de 1947. De uma simples atividade de lazer, o Brasil tornou-se o centro mundial de Vôlei de Praia, em praticamente 15 anos.

Apenas em 1991, com o patrocínio do Banco do Brasil, é criado o Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia inicialmente, apenas para duplas masculinas e com apenas cinco etapas, já no ano seguinte, as mulheres também passam a ter participação efetiva no Circuito. O esporte não parou de evoluir e partir de 1996 tornou-se um esporte olímpico, durante os Jogos Olímpicos de Atlanta (Estados Unidos). Também podemos conferir as maiores conquistas e o papel da CBV - Confederação Brasileira de Voleibol. Ou seja, o objetivo deste capítulo foi claramente tentar situar o leitor para que ele pudesse compreender a trajetória deste esporte no Brasil e no Mundo.

Na seqüência, no capítulo intitulado: Os caminhos percorridos pelo Vôlei de Praia no Estado do Rio Grande do Sul, foram citadas as etapas do Circuito Brasileiro já disputadas na capital e cidades do interior, os principais campeões destas etapas, a posição dos gaúchos no ranking do Circuito Estadual e Brasileiro de Vôlei de Praia. Além disso, as competições amadoras promovidas, entre elas: o Circuito Porto Alegre de Vôlei de Praia promovido pela Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer

com o apoio da Federação Gaúcha de Voleibol, as competições do Circuito Verão Gaúcho de Esportes – SESC e do Circuito Sul, o Circuito Esteio Open de Vôlei de Praia, criado em 2008, e os torneios realizados no interior, em cidades como: Itaqui, Taquara, Carazinho, Balneário Pinhal e Torres. E, finalmente, tivemos a oportunidade de conferir a situação atual do esporte no Estado e as notícias publicadas dos atletas nas competições de Vôlei de Praia. Ou seja, o objetivo foi traçar os caminhos percorridos por este esporte e nos fornecer uma noção de como é tratada esta modalidade pela mídia local, noticiando campeonatos e os seus resultados finais, o que contribui não só para divulgar o Vôlei de Praia no Rio Grande do Sul como também para incentivar a sua prática.

E, finalmente, no capítulo intitulado: Histórias de vida de atletas profissionais e amadores, tive a oportunidade de descrever e aprofundar a trajetória do Vôlei de Praia, o desenvolvimento deste esporte no Estado, os relatos de alguns atletas gaúchos que se aventuraram e conseguiram se destacar nas competições regionais, nacionais e até internacionais na década de 1990 e na década atual. E que bravamente, apesar das dificuldades (atuar na região sul com seu clima frio, a falta de patrocínio, etc.), não desistiram de continuar na luta por suas conquistas.

Apesar das dificuldades para iniciar a pesquisa, a começar pela falta de dados sobre o assunto aqui na região, e de outras pesquisas semelhantes para que se pudesse ter um parâmetro da situação deste esporte no Estado, não desisti.

O apoio dos atletas foi de fundamental importância para que se produzisse uma pesquisa com dados próximos da realidade vivenciada a partir de lembranças, esperanças, emoções e até frustrações relatadas ao longo das trajetórias.

Além disso, não poderiam ficar de fora as expectativas de cada um quanto à continuidade de seus trabalhos, seus esforços para o reconhecimento como profissionais da área esportiva, especificamente do vôlei de areia.

Quanto às dificuldades encontradas ficou evidente que a falta de patrocínio é o maior entrave para os atletas darem continuidade aos seus sonhos e na busca de um maior profissionalismo nesta modalidade olímpica praticada dentro do Estado.

Enfim, este trabalho só veio acrescentar pontos positivos no meu currículo, pois tive a oportunidade de um maior aprofundamento nesta área esportiva, pois no curso sentia falta, uma precariedade informações a cerca desta matéria. Foi uma experiência única onde recebi relatos surpreendentes podendo identificar sonhos, expectativas,



frustrações, ou seja, o que me proporcionou um contato maior com os sentimentos humanos, ou melhor, com o significado que a prática desperta em cada um.

Sendo assim, espero que esta pequena iniciativa seja apenas o pontapé inicial para que novos pesquisadores possam também ingressar na busca pelo aperfeiçoamento e aprofundamento da pesquisa com um volume maior de dados, visando dar uma maior visibilidade para os atletas, técnicos, professores e outros profissionais que atuam na área esportiva aqui do estado do Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Gilmar Francisco. **Voleibol de Praia: uma análise sociológica da história da modalidade (1985-2003)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, 2004
- AGUIAR, Carolina Stumpf; KOCH, Rodrigo. **Contextualização do vôlei de praia feminino do Brasil**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - N° 126 - Noviembre de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd126/contextualizacao-do-volei-de-praia-feminino-do-brasil.htm>>. Acesso em: 15 de out. de 2010.
- BOSSI, Luís Cláudio Paolinetti. **Treinamento global para jovens atletas de voleibol feminino, 2001**. Disponível em: <[www.musculoetreino.com.br/luisclaudio/artigos/artigos7.asp](http://www.musculoetreino.com.br/luisclaudio/artigos/artigos7.asp)>. Acesso em: 18 out. 2010.
- COSTA, Marília Maciel. **VÔLEI DE PRAIA: Configurações Sociais de um esporte-espetáculo de alto rendimento no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2005.
- DUWE, Edson James. NOVAES, Arthur José. **Planejamento do voleibol a longo prazo por faixa etárias**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Curso de Especialização em Educação Física Escolar. Disponível em: <[www.icpg.com.br/artigos/rev02-13.pdf](http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-13.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2010.
- FIVB. **Regras Oficiais de Voleibol**. Grupo Palestra Sport. Rio de Janeiro. 1993
- GAZETA do Sul. Santa Cruz do Sul. Ano 63 – sexta-feira, 15 de junho de 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Esporte moderno: memória e história**. Disponível em Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - Nº 77 - Outubro de 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 18 out. 2010.

GUAZELLI, César. PINTO, Celi R. J. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

MEIRA JUNIOR, Cássio de Miranda. **Validação de uma lista de checagem para análise qualitativa do saque do voleibol**. Motriz, Rio Claro, v.9, n.3, p.153-160, set./dez. 2003

MELO, Victor Andrade de. **Porque devemos estudar história da educação física/esportes nos cursos de graduação?** MOTRIZ - Volume 3, Número 1, Junho/1997

RUBIO, Kátia. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004. 316p. 2ªed.

RUBIO, Kátia. **Medalhistas Olímpicos Brasileiros: memórias, histórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2006. – (Coleção psicologia do esporte).

SILVEIRA, Christian Starhan. **Jornalismo esportivo em Porto Alegre: um estudo da mídia escrita**. UFRGS-ESEF. Porto Alegre. 2009. Disponível em:<[www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18855/000732070.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18855/000732070.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 30 de set. 2010.

STEFANELLO, Joice Mara Facco. **Competências psicológicas no Vôlei de Praia de alto rendimento: síntese e recomendações para o treinamento**. Motriz, Rio Claro, v.15 n.4 p.996-1008, out./dez. 2009.

VIEIRA, Silvia. FREITAS, Armando. **O que é vôlei de praia**. Rio de Janeiro: casa da palavra: COB, 2007. 136p. : il.

VLASTUIN, Juliana; PILATTI, Dr. Luiz Alberto. **Na 'rede' do vôlei de praia: um produto moderno no campo esportivo**. Disponível em: <[http://www.efdeportes.com/Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 84 - Mayo de 2005](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital%20-%20Buenos%20Aires%20-%20Año%2010%20-%20Nº%2084%20-%20Mayo%20de%202005)> Acesso em: 03 de set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999.

Sites:

<<http://www.cbv.com.br/cbv/circbb/2004/etapas/portoalegre.asp>>. Acesso em: 03 de set. 2010.

<[www.40graus.com](http://www.40graus.com)>. Acesso em 02 de set. 2010.

<[www.geocities.com/colosseum/pressbox/3200/taticas.html](http://www.geocities.com/colosseum/pressbox/3200/taticas.html)>. Acesso em: 04 de set. 2010.

<[www.justvolleyball.com.br/vpetart48estrategiadefensiva\\_saque.html](http://www.justvolleyball.com.br/vpetart48estrategiadefensiva_saque.html)>. Acesso em: 05 de set. 2010.

<[www.volei.org.br/regras](http://www.volei.org.br/regras)>. Acesso em: 15 de ago. 2010.

<[www.cbv.com.br](http://www.cbv.com.br)>. Acesso em 18 de ago. 2010.

<[www.suapesquisa.com](http://www.suapesquisa.com)>. Acesso em: 25 de ago. 2010.

<[www.cbv.com.br/cbv2008/praiia/perfil.asp](http://www.cbv.com.br/cbv2008/praiia/perfil.asp)>. Acesso em: 03 de set. 2010.

<[www.voleidepraia.ws/](http://www.voleidepraia.ws/)>. Acesso em: 16 de set. 2010.

<<http://sur10.net/2010/08/entrevista-com-o-surdo-atleta-toribio-de-porto-alegre-rs/>>. Acesso em: 23 de set. 2010.

<[www.torres.rs.gov.br](http://www.torres.rs.gov.br)>. Acesso em: 08 de out. 2010.

<[www.taquara.com.br](http://www.taquara.com.br)>. Acesso em: 08 de out. 2010.

<<http://novohamburgo.org>>. Acesso em: 13 de out. 2010.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/voleibol\\_de\\_praia](http://pt.wikipedia.org/wiki/voleibol_de_praia)>. Acesso em 10 de nov. 2010.

<[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/acessibilidade\\_smarty/default.php?%20projeto\\_sec=144&p\\_secao=3&pg=4419&p\\_reg=87403](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/ acessibilidade_smarty/default.php?%20projeto_sec=144&p_secao=3&pg=4419&p_reg=87403)>. Acesso em: 07 de jun. 2011.

<<http://www.clicrn.com.br/noticias,156172,4,volei+gay+vira+badalacao+em+parque+d e+porto+alegre.html>>. Acesso em: 07 de jun. 2011.

<<http://volei-balneariopinhal.blogspot.com/2011/resultado-1-master-masculino-de-volei.html>>. Acesso em: 05 de maio 2011.

## ANEXOS

## ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ATLETAS DO VÔLEI DE PRAIA

Nome:

Idade:

Formação (instituição e ano):

Profissão:

- 1) Em que ano começou a praticar o vôlei de praia?
- 2) Conte a sua trajetória (ex: quem te incentivou, as dificuldades iniciais para encontrar local para treinamento e outros atletas para realizar parcerias)?
- 3) Qual a primeira competição da qual participou e com que atleta (conte como foi)? Atualmente continua atuando como atleta( enumere as competições e as suas melhores colocações no ranking até hoje)?
- 4) Atualmente como você avalia as condições para a prática do vp no Estado (ex: locais para o desenvolvimento de treinos, patrocínio, formação de técnicos, etc.)?
- 5) Na sua opinião como classifica as competições das quais participa ( ou participou), quanto à divulgação, organização e as premiações oferecidas, além do apoio da FGV (Federação Gaúcha de Voleibol)? E, na sua visão, o que poderia melhorar para profissionalizar os atletas?
- 6) Quais são as suas metas como atleta representante desta modalidade esportiva no Rio Grande do Sul?